Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.003

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO E SUA RELAÇÃO COM A CONVERSÃO

Baptism in the Holy Spirit and Its Relationship to Conversion

Denilson Silva Araújo[1]

RESUMO

Nota-se, nos dias atuais, o surgimento de várias interpretações envolvendo a doutrina do Espírito Santo, especificamente no que diz respeito ao batismo no meio cristão. Isso tem causado sérios problemas à aplicação do culto e até mesmo ao que se conhece como Teologia Prática. Sendo assim, este artigo aborda-se a ação e os conceitos do Espírito Santo no decorrer da história bíblica, desde o Antigo Testamento até seu cumprimento após a ressurreição de Jesus, apoiados em sua promessa. Também se faz uma breve apresentação das visões pentecostais e reformadas do Batismo no Espírito Santo, com suas bases bíblicas. Para que se chegue a esse objetivo, foi necessário fazer a exposição de alguns textos com algumas palavras-chave em sua língua original, com o propósito de esclarecer seu sentido real. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, na qual uma das principais conclusões alcançadas foi a de que o Batismo no Espírito Santo é, na verdade, um dom concedido e efetuado pelo próprio Senhor Jesus nos corações libertos pelo conhecimento da Palavra de Deus. Diante desse contexto, a discussão concentra-se na relação entre o batismo no Espírito Santo e a conversão, considerando especialmente se a experiência descrita no Novo Testamento deve ser compreendida como uma bênção posterior à conversão ou como parte da própria obra de Deus na vida daquele que crê. Para desenvolver essa questão, o artigo percorre o testemunho bíblico acerca da atuação do Espírito Santo, examina o acontecimento de Pentecostes e considera o episódio da conversão de Cornélio e de sua casa, buscando fundamentar a posição defendida pelo autor.

[1] Mestrando em Ministério pela Carolina University. Formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil; Bacharelado em teologia pela FATIN; Pós-graduado em Ciências da Religião pela FATIN; Pós-graduado em Sermão Expositivo pelo Ministério Pregue a Palavra; Pós-graduado em Aconselhamento Bíblico pelo Instituto Palavra da Vida. Atualmente é Pastor titular da Primeira Igreja Batista em Tacaimbó /PE. ORCID: https://orcid.org/0009-0000-9631-4052. E-mail: denis.canaa@gamil.com

Palavras-chave: Batismo no Espírito Santo. Perspectiva Pentecostal. Perspectiva Histórica. Perspectiva Reformada.

ABSTRACT

In recent times, various interpretations regarding the doctrine of the Holy Spirit, specifically concerning baptism within Christian circles, have emerged. This has caused significant issues for worship practices and even for the field of Practical Theology. Consequently, this article aims to examine the work and concepts associated with the Holy Spirit throughout biblical history, tracing the narrative from the Old Testament to the fulfillment of the promise following Jesus' resurrection. It also presents a brief overview of Pentecostal and Reformed views on the Baptism in the Holy Spirit, along with their biblical foundations. To achieve this objective, the study analyzes specific texts, including key terms in their original languages, to clarify their true meaning. The methodology employed is bibliographic research; a key conclusion drawn is that the Baptism in the Holy Spirit is, in fact, a gift bestowed and enacted by the Lord Jesus Himself upon hearts liberated through the knowledge of God's Word. In this context, the discussion focuses on the relationship between the baptism in the Holy Spirit and conversion, particularly whether the experience described in the New Testament should be understood as a blessing subsequent to conversion or as part of God's work in the life of the believer. To address this question, the article examines the biblical testimony concerning the work of the Holy Spirit, the event of Pentecost, and the conversion of Cornelius and his household, seeking to substantiate the author's position.

Keywords: Baptism in the Holy Spirit. Pentecostal Perspective. Historical Perspective. Reformed Perspective.

INTRODUÇÃO

Durante todo o decorrer da história da fé cristã, nota-se que muito pouco se tem abordado sobre a Teologia do Espírito Santo. Pouco material foi escrito e uma grande maioria carece de muita profundidade no assunto. A obra do Espírito Santo se mostra um dos temas mais relevantes da teologia, ao mesmo tempo que é carente de elucidação, principalmente em nossos dias. Com o aparecimento do Pentecostalismo surgiu um crescente interesse no assunto. Ainda que esse fato tenha despertado a Igreja para mudanças positivas dentro de sua teologia e vivência prática, também tem sido resultado de muita controvérsia no que diz respeito à interpretação que se dá de algumas passagens relacionadas. Excessos têm sido praticados e até mesmo heresias têm surgido, frutos de erros teológicos provenientes de exegese e hermenêuticas tendenciosas e deficientes.

A presente pesquisa tem por finalidade priorizar algumas passagens cruciais do Novo Testamento, utilizando para isso apoio bibliográfico, bem como algumas visões distintas da teologia do Batismo no Espírito Santo, comparando-as com uma análise bíblica histórica e textual desses textos, incluindo ainda a análise de algumas palavras na língua original. Será abordada também a visão pentecostal do Batismo no Espírito Santo, bem como seus desdobramentos, com apoio à visão defendida. Em seguida, far-se-á um estudo do texto de Atos 10, respondendo à visão pentecostal do Batismo no Espírito Santo como segunda bênção, separados ou não da conversão. Por fim, far-se-á uma avaliação dos conceitos abordados,

concluindo com uma breve reflexão do que se pode acarretar um entendimento equivocado da doutrina do Batismo no Espírito Santo.

1. A PROMESSA DE JESUS E A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO DECORRER DA HISTÓRIA BÍBLICA

Uma das bases sólidas em torno da Doutrina do Batismo no Espírito Santo é a "Promessa de Jesus" feita aos discípulos antes de sua ascensão. Para um entendimento correto do assunto, faz-se necessária uma compreensão do contexto da época. Nos dias turbulentos e perigosos para qualquer seguidor de Cristo nas ruas de Jerusalém, já era de se esperar um êxodo por parte de muitos. Jerusalém não era mais um lugar seguro para um discípulo de Jesus, ainda mais quando o sinédrio destilava ódio e repúdio em forma de repressão ao grupo simpatizante da causa do Messias. Foi em meio a todo esse cenário que Jesus reaparece no capítulo 1 de Atos, agora ressurreto, e reafirma o que antes tinha dito sobre a promessa da descida do Espírito Santo sobre seus discípulos:

> Mas que esperassem a promessa (v. 4): Isto foi dito a crentes armados com poder espiritual (Mt 10.1), que tinham nomes escritos nos céus (Lc 10.20), que estavam limpos moralmente (Jo 15.3), que estavam em contato com Cristo como o ramo ligado na videira (Jo 15.5), que conheciam que o Espírito Santo estava com eles (Jo 14.17), que tinham sentido o fôlego de Cristo ressuscitado quando dizia: "Recebei o Espírito Santo" João 20.22. Contudo deviam permanecer em Jerusalém até receber o batismo no Espírito Santo. É indispensável que as testemunhas de Cristo permanecessem diante de Deus até ficar cheias do Espírito Santo. "Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?" (At 19.2).[2]

Assim, percebe-se que o que Jesus afirmou aos discípulos acerca da promessa se deu de forma intencional, mas também relacional. Cristo ensinou tais verdades de inúmeras maneiras, desde citações públicas das Escrituras, por parábolas e até mesmo vivenciando situações corriqueiras que podem ser interpretadas como chaves hermenêuticas (aquilo que pode abrir o entendimento para a compreensão do que se pretende ensinar), para extrair significado e sentido sobre esses e outros ensinamentos direcionados aos ouvintes. Com isso, pode-se entender que a promessa de Jesus se consumou na vida de seus discípulos como sinal de sua relação e obediência. Isso jamais aconteceria se o próprio Cristo não agisse de maneira que lhes lembrasse que o Batismo que receberiam possuía um fundamento: a promessa do Pai.

1.1 O Espírito Santo no Antigo Testamento

Ao se analisar as linhas do Antigo Testamento, percebe-se que o Espírito Santo está atuando em conjunto com as duas outras pessoas da Trindade. O termo mais usado para defini-lo é "*rûah Yahweh",* ou "Espírito do Senhor". Ele não apenas interage como também é

[2] BOYER, Orlando. **Atos - o Evangelho do Espírito Santo.** Comentário sobre Atos dos apóstolos. Penha: Livros Evangélicos, 1961, p. 22.

revelado como sendo a ação de Deus na criação do universo, conforme se vê em Gênesis 1.2: "A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas". O Espírito partilha de profundidade com o próprio Deus, possuindo relação de extrema comunhão como terceira pessoa da Trindade, enquanto é revelado como princípio criador:

> O *rûah Yahweh,* no Antigo Testamento não é uma entidade separada, distinta; é o poder de Deus – a atividade pessoal na vontade de Deus para alcançar um objetivo moral e religioso. O *rûah* de Deus é a fonte de tudo que está vivo, de toda vida física. O Espírito de Deus é o princípio ativo que procede de Deus e dá vida ao mundo físico (Gn 2.7). É também a fonte de todas as preocupações religiosas, despertando líderes carismáticos, como juízes, profetas ou reis. "O *rûah Yahweh* é um termo usado para designar a ação histórica criadora do Deus único, a qual, muito embora desafie a análise lógica, é sempre a ação de Deus".[3]

Nota-se com isso que o Espírito Santo é atuante no Antigo Testamento por razão de sua íntima relação com o Deus Criador, chegando a ser reconhecido, como em algumas passagens, como "o poder de Deus", dando vida a tudo, operando de forma capacitadora por meio de homens e mulheres que foram separados para um fim específico na história bíblica. Sua atuação no Antigo Testamento se deu de forma transitória, pois visava o cumprimento de um propósito. Com isso, havia a possibilidade do Espírito se retirar daqueles em quem habitava, caso alguma prescrição da aliança exigida fosse quebrada. Esse conceito foi compreendido por alguns, como foi o caso do salmista Davi no Salmo 51.11: "Não me lances fora da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito".

Sendo assim, essa habitação do Espírito se deu para que se cumprissem os desígnios de Deus, seja para encher os profetas com os oráculos de Deus ou mesmo para conceder habilidades especiais àqueles que seriam usados com o propósito de cumprir tarefas especiais para Deus:

> Outra área geral de atuação do Espírito é a transmissão das profecias e da Escritura. Os profetas do Antigo Testamento testificavam que seus pronunciamentos e escritos provinham do fato de o Espírito Sant ter vindo sobre eles. Ezequiel oferece o exemplo mais claro: "Então, entrou em mim o Espírito quando falava comigo, e me pôs em pé, e ouvi o que me falava" (2.2; cf. 8.3; 11.1, 24; veja tb. 2Pe 1.21). Ainda outra obra do Espírito de Deus no Antigo Testamento era a transmissão de certas habilidades necessárias para várias tarefas. Por exemplo, lemos que ao apontar Bezalel para construir e mobiliar o tabernáculo, Deus disse: "o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência e de conhecimento, em todo artifício, para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, prata e bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, para toda sorte de lavores" (Êx 31.3-5). A administração também parece ter sido um dom do Espírito.[4]

Com isso, pode-se perceber claramente que o Espírito Santo atuou de forma consciente e conjunta com os planos de Deus. Sua ação se deu de maneira progressiva e temporária;

[3] LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 416-417.
[4] ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 352.

ainda assim, os indivíduos alvos de sua ação deveriam cumprir alguns requisitos básicos dessa habitação, como é o caso da sujeição incondicional ao Espírito. Ao contrário do que alguns creem, o Espírito não é simplesmente uma força operante de YHWH, mas também Deus, pois o caráter de interação e relação com aqueles em quem habitava está explícito em passagens como a de Ezequiel 2.2: "Enquanto falava comigo, o Espírito entrou em mim e me fez ficar em pé, e ouvi aquele que falava comigo".

1.2 O Espírito Santo no Novo Testamento

O "pneuma", como o Espírito Santo é mais conhecido por meio do termo grego, ganha conotação missiológica e relacional nas escritas do evangelho segundo João. Para ele, o Jesus humano é enfatizado agindo no Espírito, a começar do batismo nas águas. A partir daí, Jesus daria de beber do mesmo Espírito aos seus discípulos de forma definitiva e pessoal. Agora, habitando no interior deles, poderia capacitá-los e muni-los com dons específicos para cumprir os propósitos de Deus em Cristo:

> A mesma ideia está refletida em uma declaração sobre o Paracleto: "o Espírito da verdade... Ele habita convosco, e estará em vós" (Jo 14.17). Desde o momento em que os discípulos estiveram em contato com seu Mestre, esse Espírito da verdade, ou da realidade, habitava com eles no Senhor, e agora, devida à partida do Senhor, estará neles. O Espírito, certamente, estivera com os santos do Antigo Testamento, e, de certa forma, em um sentido real, também estivera neles (Sl 51.10-11). No entanto, o Antigo Testamento fala com mais frequência do Espírito vindo sobre os homens do que estando dentro deles. O Antigo Testamento contempla a salvação messiânica, quando uma nova dimensão do Espírito será dada ao povo de Deus (Jl 2.28; Ez 36.26-27). Uma vez que Jesus fora cheio do Espírito, sua presença significou que o Espírito estivera de um modo novo e diferente com os discípulos. Contudo, Jesus lhes promete que eles também ainda deverão ser habitados pelo mesmo Espírito. A promessa escatológica deve ser cumprida, e uma nova dimensão da interioridade do Espírito, experimentada.[5]

Portanto, enquanto os discípulos caminharam com Jesus, partilharam da presença do seu Espírito. Entretanto, agora ressurreto, Cristo cumpre sua promessa e o mesmo Espírito passa a habitar definitivamente neles. Isso se torna evidente por meio dos dons e sinais operados. O Novo Testamento abre um novo horizonte de possibilidades para aqueles que, uma vez estando com o Espírito Santo, poderiam dar continuidade ao ministério de Cristo.

1.3 O Espírito Santo e seu propósito no Novo Testamento

Além da obra capacitadora do Espírito Santo em Jesus, na ocasião de seu batismo, percebe-se que os discípulos também foram capacitados para vários tipos de ministérios, segundo o próprio Jesus lhes havia prometido em Atos 1.8: "Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como

[5] LADD, 2003, p. 419.

em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra". A capacitação no Espírito se estende em várias outras áreas, como oração, serviço, incluindo uma das mais importantes obras, a purificação:

> Uma vez que esse membro da Trindade é chamado Espírito Santo não surpreende que uma de suas principais atividades seja purificar-nos do pecado e "santificar-nos" ou tornar-nos mais santos na conduta prática. Mesmo na vida de incrédulos há alguma influência restritiva do Espírito Santo uma vez que ele convence o mundo do pecado (Jo 16.8-11; At 7.51). Mas quando as pessoas se tornam cristãs, o Espírito Santo realiza nelas uma obra inicial de purificação, efetuando um decisivo rompimento com os padrões do pecado que havia na vida delas antes. Paulo fala dos coríntios: "...mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (1Co 6.11).[6]

Percebe-se que há uma forte dependência no agir regenerador e santificador do Espírito Santo na vida daqueles que foram convencidos de seus pecados. A ideia de purificação é consequência direta do trabalho do Espírito. Isso se dá na dinâmica de uma vida prática, já que, na qualidade de Deus pessoal, opera de forma íntima na vida daquele em quem habita. A vasta ação do Espírito Santo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, demonstra não apenas sua natureza divina, refletida em sua operação, mas também na eficácia do seu agir durante toda a história bíblica. Seu controle dos eventos é impressionante, visto que tudo que o Pai e o Filho orquestraram, o Espírito esteve atuando em conjunto, como a figura de um rio seguindo seu inevitável curso em fluxo contínuo:

> O tema do "Espírito Santo" no Novo Testamento pode ser considerado no que toca aos seus atributos divinos: Sua Personalidade distinta da deidade; Sua operação concernente ao Senhor Jesus no Seu nascimento, vida, batismo, morte; Suas operações no mundo; na igreja; o fato de ele ter sido enviado no dia de Pentecostes pelo Pai e por Cristo; Suas operações no crente individual; nas igrejas locais; Suas operações na produção das Santas Escrituras; Sua obra no mundo, etc.[7]

Verifica-se que o Espírito Santo não agiu isoladamente, à parte das outras pessoas da Trindade, e ainda assim sua própria natureza demonstra pessoalidade e, ao mesmo tempo, unidade e comunhão. A intensa atividade do Espírito nas páginas do Novo Testamento revela não apenas um agir de Deus cumprindo suas promessas, mas também a pessoa do Espírito e sua obra regeneradora e reconciliadora na vida do ser humano. Pode-se perceber sua divindade e atributos facilmente por meio de sua operação em todo o decorrer da história da humanidade, desde a origem do mundo até a consumação da história, como se conhece na revelação em Apocalipse.

[6] GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 535.

[7] VINE, W. F.; UNGER, Merril F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine:** o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 618.

2. O ESPÍRITO SANTO, O PENTECOSTES E O BATISMO

Observa-se que o evento "Pentecostes" não foi uma ocasião qualquer na vida daquelas pessoas. Acredita-se que foi uma das mais importantes festas no calendário judaico, movimentando um grande contingente de todas as partes do mundo: "O Espírito Santo deixou o céu e veio à terra na ocasião de realizar-se uma solene festa em Jerusalém, a que assistiam dois a três milhões, calcula-se, de judeus e prosélitos, [...]".[8] Essas pessoas costumeiramente celebravam a fartura nas colheitas, resultado esse proveniente das mãos do Senhor. Essa mesma festa possuía também um caráter familiar, além de religioso, já que tudo convergia para uma vida litúrgica direcionada para a vivência do Templo, que era um dos pilares do judaísmo, acompanhado dos sacrifícios oferecidos:

> Apesar de Atos ser um livro histórico, Lucas omite referências quanto a datas precisas. Os estudiosos, de um modo geral, concordam que a cronologia de Atos a festa do Pentecostes foi celebrada no ano 30 d.C., durante a última semana de maio. O termo Pentecostes deriva de uma palavra grega que significa "quinquagésimo". Os judeus celebravam o Pentecostes como a Festa das Semanas no quinquagésimo dia depois da Páscoa (Lv 23.15,16; Dt 16.9-12). Eles a chamavam também de Festa da Colheita (Êx 23.16). Os judeus consideravam o Pentecostes como o festival da ceifa, ocasião na qual apresentavam os primeiros frutos da colheita do trigo (Nm 28.26). Depois da destruição do templo em 70 d.C., transformaram esse festival na comemoração da entrega do Decálogo no Monte Sinai. Basearam isso na referência cronológica em Êxodo 19.1. Presumivelmente os judeus reagiram à observância cristã do Pentecostes.[9]

Entende-se com isso que o Pentecostes não apenas serviu a um propósito religioso, mas também atendia a um critério familiar e cultural, já que se apresentava o resultado das colheitas como sinal de gratidão ao Senhor. Historicamente, é possível perceber nisso um perfeito cenário para a descida do Espírito Santo, em cumprimento da promessa feita em Joel 2.28: "E acontecerá, depois disso, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões". As características da descida do Espírito não serão todas abordadas em maior profundidade nesta obra; ainda assim, percebe-se forte significado em cada símbolo.

2.1 "De repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso [...]" (At 2.2)

O som, ouvido com a característica de um forte vento que sopra, pode significar a própria soberania do Espírito Santo em agir onde e como quer. Pode-se apenas sentir sua operação, ao mesmo tempo que, sendo imprevisível, é também incontrolável. Todo o simbolismo aponta para a maneira como Deus vem na pessoa do Espírito sobre aquelas

[8] BOYER, 1961, p. 34.

[9] KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: exposição de Atos dos apóstolos. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, vol. 1, p.107.

pessoas, demonstrando não apenas sua soberania, mas também seu controle durante todos os eventos bíblicos:

> [...] Nas Escrituras, o vento é usado frequentemente como símbolo do Espírito Santo (Ez 37.1-14). Cristo, na palestra com Nicodemos, comparou o Espírito Santo a uma brisa refrescante, purificante, vivificante. Não se vê esse "Vento" divino, mas se sente quando faz a sua no íntimo do coração, João 3.8. Porém, no Pentecostes foi um estrondo ("de repente"); não um som como de vento que se levanta gradualmente. Foi como um vento forte violento ("impetuoso"), representando a força do sopro divino que encheu a casa de Deus, entrou nos assistentes da ocasião e passou a toda a terra, criando, vivificando e renovando como quando "o Espírito (Fôlego ou vento) de Deus se movia sobre a face do abismo" na criação, Gênesis 1.2. Pode-se imaginar Jesus Cristo, no Pentecoste, em pé, à destra de Deus, assoprando sobre os cento e vinte discípulos e dizendo: "Recebei o Espírito Santo".[10]

Compreende-se que o vento representa nesta passagem o controle de Deus sobre os eventos envolvendo o Pentecoste. O poder criador de Deus é mais uma vez demonstrado perante os homens. Em cada coração dos discípulos, percebe-se a transformação por meio desse agir sobrenatural do Senhor. Outra característica a ser brevemente citada é o fogo: "Como que de fogo" (At 2.3). Línguas foram vistas repartidas entre eles. A forma foi visual, como fogo. Existem várias ideias em torno do batismo com fogo, como, por exemplo: luz, glória, purificação e até mesmo juízo. Cada um destes significados é atribuído a um contexto específico dentro da Bíblia, o que exige para sua correta compreensão o uso de exegese séria, respeitando, é claro, o rico simbolismo atrelado à figura do fogo:

> O Espírito Santo é representado como fogo porque: 1) Produz luz, alumiando o entendimento e fazendo tudo se tornar real e glorioso para nós. 2) Purifica, consumindo toda a escória e libertando o ouro de nossa natureza. (Compare Ml 3.1-13) 3) Aquece o coração até abrasar com o calor do céu. 4) Alastra-se. As autoridades religiosas descobriram logo que o cristianismo se desenvolve rapidamente, apesar de parecer insignificante, cap. 4.17; 5.28.[11]

Sabe-se que o batismo no Espírito Santo não apenas capacitou os discípulos para a boa obra de Deus, mas também a tornou visível por meio de manifestações relatadas por testemunhas oculares. Fica evidente que o Senhor revela um pouco de sua glória enquanto, por meio do batismo, habita naquelas pessoas. Seus entendimentos a partir de então estariam abertos à compreensão dos mistérios de Deus e, assim, poderiam comunicar sua grandeza a outros.

2.2 "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, [...]" (v.4)

Nota-se que uma das consequências do Batismo no Espírito Santo é o "enchimento", evidenciado nesta passagem com o falar em línguas. Seu caráter não é repetido na história:

[10] BOYER, 1961, p. 35.
[11] BOYER, 1961, p. 36.

"O derramamento do Espírito não é repetitivo, pois ele fica com a pessoa que foi cheia".[12] Essas línguas faladas diferenciam-se das línguas extáticas de 1 Coríntios 14. Lá, Paulo afirma que elas necessitam de intérpretes para sua compreensão. O conceito das línguas em Atos é o de "idioma falado"; isso pode ser comprovado pelo fato de várias pessoas de diversos locais e dialetos diferentes terem compreendido o conteúdo apresentado pelos discípulos em sua própria língua materna:

> A palavra "língua" equivale ao conceito de idioma falado. Isso fica evidenciado pelo comentário de Lucas que "cada qual os ouvia falar em sua própria língua" (v.6); a multidão pergunta: "Então, como é que cada um de nós os ouve em sua língua nativa?" (v.8); e dizem: "Nós os ouvimos falar em nossa própria língua as grandiosas obras de Deus" (v.11). As línguas que os crentes falam são línguas conhecidas, faladas em regiões que vão desde a Pérsia, no Oriente, até Roma, no Ocidente. Não podemos equiparar o acontecimento do Pentecostes com o falar em línguas na igreja de Corinto. Os crentes que falam em outras línguas no Pentecostes não o fazem para edificação da igreja (diferente da fala extática [1Co 14]). Enquanto na igreja dos coríntios a fala extática deve ser interpretada, no Pentecostes os ouvintes não necessitam de intérpretes porque podem ouvir e são capazes de compreender cada um na sua própria língua.[13]

Assim, fica claro que esse evento jamais deve ser entendido como uma experiência que deva se repetir, principalmente como uma evidência do batismo no Espírito Santo na vida daquele que encontra Cristo por meio da fé na sua obra redentora. Da mesma forma, conforme a própria Palavra afirma, os homens ficaram maravilhados pelo fato de compreenderem o que se falava. Portanto, as línguas foram compreensíveis e carregadas de propósito para conduzir o público à recepção das grandezas de Deus.

Assim, o relato de Pentecostes apresentou a atuação do Espírito Santo na capacitação dos discípulos e na proclamação das grandezas de Deus. A compreensão desse acontecimento, entretanto, também está relacionada às diferentes interpretações acerca do momento em que ocorre o batismo no Espírito Santo e de sua relação com a conversão. Essa questão conduz à análise da perspectiva pentecostal, que compreende o batismo como uma experiência que pode ser distinta da regeneração.

3. O BATISMO COMO UMA SEGUNDA BÊNÇÃO - UMA VISÃO PENTECOSTAL DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Em sua grande maioria, os pentecostais acreditam que o Batismo no Espírito Santo é uma segunda bênção que ocorre na vida daquele que é salvo, podendo acontecer no momento da conversão ou mesmo depois dela. Isso implica que, mesmo sendo salvo, o indivíduo que recebeu Cristo poderá não ter sido batizado (ou recebido a segunda bênção em forma de Batismo no Espírito Santo). Ou seja, a pessoa pode ter tido um encontro com Cristo, entendido o Evangelho da salvação, recebido a mensagem, ser liberta da condenação eterna,

[12] KISTEMAKER, 2003, vol. 1, p. 110.
[13] KISTEMAKER, 2003, vol. 1, p. 111.

e ainda assim não ter recebido a promessa do selo do Espírito em seu coração como evidência da promessa consumada:

> Os pentecostais, ao contrário dos reformados, veem o batismo no Espírito, como uma experiência completamente distinta e subsequente à regeneração. Como deixa clara a Declaração de Verdade Fundamentais das Assembleias de Deus: "Ela é distinta da experiência do novo nascimento e subsequente a ela". Daí o termo "segunda bênção". Os pentecostais geralmente afirmam que as diversas formas apresentadas no Novo testamento como: estar cheio do Espírito, receber o Espírito, o Espírito sendo derramado, caindo sobre, vindo sobre, tem o mesmo significado e refere-se à descrição da segunda bênção.[14]

Entende-se que, conforme a visão pentecostal, o batismo no Espírito pode acontecer distintamente do momento da conversão, tendo como sua maior evidência o falar em línguas. Ainda assim, nota-se a interpretação de uma série de termos no Novo Testamento como base para tal afirmação. De fato, a experiência do Pentecostes possuiu um propósito e razão de acontecer. A glória de Deus foi revelada naquela ocasião: "Essa é a glória de Deus. Os seus padrões são completamente diferentes dos nossos. Nada, no terreno espiritual, é sem sentido".[15]

A perspectiva apresentada evidencia a importância da interpretação dos relatos de Atos para a compreensão da relação entre o batismo no Espírito Santo e a conversão. Para avaliar essa relação, torna-se necessário examinar também o episódio de Cornélio e de sua casa, no qual a concessão do Espírito aos gentios ocupa lugar central. Esse relato permite considerar como o autor compreende a relação entre a proclamação do evangelho, a conversão e o recebimento do Espírito Santo.

4. O ESPÍRITO SANTO SENDO CONCEDIDO AOS GENTIOS

Um outro evento típico da interpretação que defende que o batismo no Espírito Santo aconteceu distintamente da conversão é o episódio que relata o encontro de Pedro com o centurião Cornélio e toda a sua casa em Atos 10. Ali se encontra uma definição de Cornélio perante a sociedade: "Era piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, fazendo muitas esmolas ao povo e orando sempre a Deus". Cornélio era gentio, alguém que, segundo os costumes, possuía uma crença em vários deuses. Além disso, sua etnia lhe garantia inimizade constante por parte dos judeus. Percebe-se no versículo acima que Cornélio, além de temente a Deus, era um homem extremamente dedicado a servir ao próximo, atitude essa que o caracterizou como alguém piedoso. Faz-se necessária uma análise do termo grego *"εὐσεβὴς":*

> As palavras que derivam da raiz *seb-* são muito frequentes em Gr., e transmitem a ideia da "devoção" e "religiosidade" tão características dos gregos. Esta devoção não consiste – diferentemente do que ocorre na Bíblia

[14] SOUZA, Lidiane Ribeiro. **O batismo no Espírito Santo na perspectiva pentecostal e na reformada.** Disponível em: https://teologiaesociedade.faculdadebetania.com.br/wp-content/uploads/2024/03/FINAL-Artigo-Batismo-Lidiane-1.pdf. Acesso em: 19 de set. 2025. p. 2.

[15] BRUNELLI, Walter. **O que você pode fazer na plenitude do Espírito**. Rio de Janeiro: CPAD, 1994, p. 32.

> – em obediência consagrada a um Deus único, entendido em termos pessoais; pelo contrário, é um santo medo, espanto ou admiração evocada pela majestade revelada em objetos, homens ou deidades. Destarte, pode-se prestar homenagem religiosa a vários objetos diferentes: à pátria, a uma paisagem, a sonhos, aos pais, aos heróis, aos mortos, etc. [...] Para os gregos, aqueles que são dignos de reverência são, acima de tudo, os membros da própria família (inclusive os ancestrais), os deuses e as leis que estes ordenaram. Na linguagem religiosa, há uma transição fácil de "respeito" ou "honra" para a "reverência" do culto. *Eusebeia* é uma das virtudes do homem que é justo e aceitável diante dos deuses.[16]

Assim, conforme a análise do termo grego, percebe-se que Cornélio possuía uma grande devoção a Deus. Isso o conduzia a uma vida piedosa diante dos homens. Deve-se lembrar que devoção não é o mesmo que conversão. Outro ponto crucial é o fato de o próprio Deus ter ordenado a Pedro que fosse à casa do Centurião para proclamar as boas-novas de salvação. O conteúdo da conversa foi a exposição do plano salvífico. Jesus e o Espírito Santo foram anunciados ao centurião Cornélio, sua família e a todos os demais. Em seguida, o que se vê como resposta à compreensão da Palavra anunciada é o batismo no Espírito Santo acontecendo diante dos olhos do apóstolo Pedro, como sinal de aceitação e conversão genuínos daqueles gentios. Pedro agora sabia que o Senhor estendera seu Espírito também a eles.

Fica evidente que Cornélio e sua família haviam experimentado a conversão naquele momento, ao mesmo tempo em que o Batismo no Espírito Santo, mesmo antes de Pedro formular um convite verbal à salvação: "Vê-se a ação soberana de Deus na preparação de ambos os homens, Cornélio e Pedro, para o seu encontro (10.1-23) e no derramar do Espírito em resposta à fé, mesmo antes que se formulasse um apelo formal ao arrependimento (10.44-48)".[17]

Constata-se que Pedro não fora visitar simplesmente um convertido a Deus desconhecedor de Cristo e do Espírito Santo. Fica evidente no texto que o evangelho fora anunciado por Pedro a todos. Pensar em Cornélio como convertido antes de Pedro chegar contraria a lógica da salvação exclusivamente por meio de Jesus. Não apenas Cornélio precisou de luz à sua mente, mas Pedro também necessitou compreender o plano maior de Cristo, alcançando os gentios. Mesmo com seus pressupostos e tradições ainda arraigados, necessitou desse encontro tanto quanto Cornélio:

> Após deter-se em justificações que denunciavam seu embaraço (At 10.27-29) e, tomando ciência daquilo que se sucedera dias atrás a Cornélio (At 10.30-33), Pedro expõe o evangelho a sua plateia gentia, sob os olhares observadores dos seis cristãos judeus que o seguiram. Antes que pudesse concluir sua preleção, o apóstolo e os da circuncisão que o acompanhavam foram tomados de grande espanto ao constatarem que o dom de Deus se manifestara poderosamente naqueles desprezados gentios. Se Deus não lhes recusou Seu Espírito, como poderia Pedro recusar-lhe a água com a qual

[16] COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

[17] PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 194.

> deveriam ser batizados? Reconhecendo a direção divina do sucedido, Pedro cedeu ao convite daqueles novos irmãos para que permanecesse em Cesaréia por alguns dias. A essa altura, não é difícil imaginarmos que uma notória mudança se iniciava na visão do apóstolo em relação aos gentios. [...].[18]

Infere-se que, a partir desse episódio, tudo mudou para Pedro e os apóstolos. Eles entenderam de uma vez por todas que Deus também tinha planos para os gentios. O seu Espírito igualmente seria concedido aos que cressem na mensagem da cruz. Ainda que estrangeiros, ou mesmo resultado de conflitos raciais, a salvação e o dom do Espírito estariam acessíveis a todos, desde que cressem na mensagem da cruz. Cumpria-se então, perante os olhos atentos de Pedro e os demais, a promessa de Jesus feita em Atos 1.8: "...tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar as passagens relacionadas ao Batismo no Espírito Santo, destituído das lentes tendenciosas das denominações, ou mesmo longe das influências culturais, percebe-se que jamais o batismo no Espírito Santo é visto como uma experiência à parte da conversão. Outro ponto a se verificar é o fato de se perceber na Bíblia a intencionalidade de Deus em moldar comportamentos e até mesmo ajustar a cosmovisão de muitos personagens bíblicos, alterando ambientes e submetendo os envolvidos a experiências que os conduziram para fora de sua zona de conforto, como foi o caso do apóstolo Pedro junto com seus companheiros e o centurião Cornélio e toda a sua casa.

Sendo assim, é possível compreender por meio de uma exegese séria que a intenção de Deus sempre foi alcançar o ser humano por meio da salvação em Cristo, selando-o com seu Espírito, não como sinal de uma segunda bênção, mas como resultado direto de sua graça em Cristo Jesus e da promessa feita em Joel. Tendo tal entendimento, é possível ter-se uma convicção maior na salvação, seguida de segurança, por se compreender que não se trata de mérito e sim do ato gracioso de Deus agindo nos corações humanos.

Por outro lado, um entendimento contrário a isso seria a meritocracia, onde muitos adeptos creem que precisam fazer algo para receber o batismo no Espírito. Muitos até mesmo podem chegar ao estado de culpa por se verem indignos de tal habitação, ou mesmo por impedi-la por causa de seus pecados, mesmo após terem sido lavados no sangue de Jesus após a conversão genuína.

O percurso desenvolvido neste artigo permitiu relacionar o testemunho bíblico acerca da atuação do Espírito Santo à discussão sobre o momento em que ocorre o batismo no Espírito Santo. A análise da promessa de Jesus, do acontecimento de Pentecostes e do episódio de Cornélio e de sua casa fundamentou a posição defendida pelo autor de que o batismo no Espírito Santo não constitui uma segunda bênção separada da conversão, mas está relacionado à obra de Deus na vida daqueles que recebem a salvação em Cristo. Dessa

[18] DEBARROS, Aramis C. **Doze homens, uma missão**: um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de cristo. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 433.

maneira, a discussão ressaltou a importância da interpretação dos textos bíblicos para a compreensão dessa doutrina e de suas implicações para a vida cristã.

Que a partir das palavras do apóstolo Paulo em Efésios 4.5-6: "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos", se compreenda a incontestável verdade da ação imediata do Senhor Jesus por intermédio do Espírito Santo no coração do pecador confesso, operando a regeneração e batizando-o como sinal de inclusão, pertencimento e iniciação no Reino de Deus".

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Nova almeida atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BOYER, Orlando. **Atos - o Evangelho do Espírito Santo.** Comentário sobre Atos dos apóstolos. Penha: Livros Evangélicos, 1961.

BRUNELLI, Walter. **O que você pode fazer na plenitude do espírito**. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.** 10.ed. São Paulo: Hagnos, 2011.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 2.

DEBARROS, Aramis C. **Doze homens, uma missão:** um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de cristo. São Paulo: Hagnos, 2006.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: exposição de Atos dos apóstolos. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2003.

PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2008.

SOUZA, Lidiane Ribeiro. **O batismo no Espírito Santo na perspectiva pentecostal e na reformada.** Disponível em: https://teologiaesociedade.faculdadebetania.com.br/wp-content/uploads/2024/03/FINAL-Artigo-Batismo-Lidiane-1.pdf. Acesso em: 19 de set. 2025.

VINE, W. F.; UNGER, Merril F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.